

Capacidade mal aproveitada

A boa fama do Hospital Universitário não se restringe ao Plano Piloto. Lidiane Araújo, 24 anos, estava em trabalho de parto quando veio da Ceilândia para ser atendida no hospital. "Meus outros dois filhos nasceram em outra maternidade, mas os médicos eram horríveis e nem ligavam para gente", conta. "Aqui foi diferente. Todo mundo conversa comigo e paparica minha neném."

Apesar dos elogios da comunidade, o HUB está longe de ser um modelo de qualidade. A avaliação é do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA). Segundo pesquisa inédita do Instituto, divulgada com exclusividade pelo **Correio**, o nosso Hospital Universitário é um dos dez piores do país no quesito eficiência. O estudo analisou em detalhes os 45 HUs brasileiros, de 1998 a 2000. Tudo foi avaliado: as verbas recebidas, infra-estrutura dos prédios, número de funcionários e a formação dos médicos. Depois, fez-se um levantamento do que cada um produziu com estes recursos. Do número de internações à qualidade do atendimento. "É mais eficiente quem aproveita melhor o que tem", explica Alexandre Marinho, autor da pesquisa. "E os HUs são campeões neste quesito.

Eles sofrem com a falta equipamentos e verbas, mas continuam oferecendo serviços de qualidade à comunidade."

A média geral de eficiência dos HUs foi de 84,2%. O aproveitamento no Distrito Federal é bem menor: 69,1%. Mas isso não quer dizer, segundo o pesquisador, que o HUB não ofereça um bom atendimento. Ele apenas não utiliza 100% dos recursos que possui. Segundo André Vianna, diretor do hospital, é impossível fazer mais. "Sofremos com a falta de pessoas e dinheiro", lamenta. Atualmente, o hospital conta com 300 leitos e realiza 30 mil consultas por mês.

DESVIO DE VERBAS

A origem das dificuldades do HUB é antiga. Quando o hospital foi herdado do extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps), em 1980, os atendimentos não chegavam a 500 por mês. Hoje, a capacidade do hospital aumentou em 50%, as consultas em mais de 600%. Mas o número de funcionários caiu quase pela metade.

O HUB sobrevive com dinheiro do Ministério da Educação e Sistema Único de Saúde (SUS). As verbas do MEC pagam os profes-

sores e servidores da UnB que lá trabalham, além de água, luz e telefone. O restante deveria cobrir os gastos do hospital com remédios e material médico. Mas, pelo menos 50% desse total são desviados para pagar os quase 800 funcionários terceirizados. "Não temos alternativa", diz o diretor. Hoje, a dívida do HUB com fornecedores de remédio e material hospitalar passa de R\$ 3 milhões. As verbas que recebem das emendas dos deputados distrital cobrem só a compra de equipamentos. Nos últimos dois anos foram repassados R\$ 4,5 milhões.

Com exceção do Hospital das Clínicas de São Paulo, todos os hospitais universitários do país funcionam no vermelho. O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, reconhece o estado crítico dessas instituições. "Precisamos fazer concursos para contratar novos funcionários para os HUs", admite. "Mas não podemos realizá-los antes de definir o sistema de contratação." O ministro refere-se a possível quebra de estabilidade dos funcionários das universidades federais, que por pouco não perderam o título de servidores públicos para responder às mesmas regras dos trabalhadores de empresas privadas. (GF e GP)



LIDIANE, 24 ANOS: "NO HUB É DIFERENTE, TODOS CONVERSAM COMIGO"

CENTRO-OESTE TEM PIOR NOTA

Os dois extremos do país ficaram com as melhores notas da pesquisa de qualidade dos hospitais universitários brasileiros. As regiões Norte e Sul são modelos no quesito atendimento à população. Já o Centro-Oeste amargou o pior resultado.

REGIÃO	NOTA	MÉDIA DE LEITOS
Norte	94,96	116
Sul	85,78	219
Nordeste	85,01	91
Sudeste	82,04	175
Centro-Oeste	78,81	140
HUB	69,15	300

Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA)